



NOTAS PARA A HISTÓRIA DA CAPOEIRA EM SOROCABA 1850-1930 CARLOS CARVALHO CAVALHEIRO

Apresentação

*André Luiz Lacé Lopes**

Ao final da década dos 60, não era ainda muito comum, no Brasil, cursos de pós-graduação; no entanto, o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) já enviava seus técnicos para tais programas nos Estados Unidos. Foi assim que fiz meu mestrado, em Administração Pública, na Universidade de Syracuse, em Nova York (1969/1971). Com alguma experiência no campo prático, cheguei convencido de que não teria muito mais a aprender. Atitude assaz pretenciosa que se desfez, logo de saída, no *Pre-Academic Workshop* que fui “obrigado” a fazer. Treinamento preliminar especial para se aprender a tirar o máximo de um curso de mestrado. Só este “treino” inicial já teria valido a viagem.

Além de aprender a pesquisar, fui alertado para o terreno minado da “*perception, beliefs, biases, values, attitudes e emotions*”, especialmente levando-se em conta as tempestades de “*laws, theories, hypothesis e principles*”. E quando, “para não ficar muito baixo, indaguei sobre o sentido de se aprender Lógica, ouvi como resposta o emblemático episódio ocorrido com Epictetus:

— *Prove to me – Epictetus, was challenged – that I should study Logic.*

— *“How will you know that is a good proof?” – was the reply...*

Tais lembranças foram-me provocadas pela leitura do novo livro de Carlos Cavaleiro, para o qual, para minha honra e deleite, ele solicita uma Apresentação. Decididamente, Cavaleiro ainda não sabe o que é ter 76 anos, com boa parte da vida sócio-esportiva-cultural dedicada ao mundo encantado da Capoeiragem. Tais convites valem muito, ainda mais quando boa parte dos capoeiras insistem em fingir ignorar o que escrevo (reproduzem boa parte, sem jamais citar a fonte, salvo algumas honrosas e gratificantes exceções). Paciência, como sentença a malandragem das esquinas da vida: “não se pode ganhar sempre”.

Arvorando-se a crítico musical, com veneno escorrendo da boca, certa figura comentou com Tom Jobim: — *é, você toca apenas umas poucas notas.*

— As melhores, sintetizou Tom Jobim, sem parar de tocar e sem encarar o invejoso de plantão.

Longe de mim tentar insinuar analogia direta, mas, guardadas as devidas proporções, solicitações como essa agora do Cavaleiro lavam a minha alma, pelo que, desde já, agradeço. Livro escrito sem a utilização do famoso arsenal doentio - “bias”, sobretudo – que ronda e povoa boa parte dos trabalhos de pesquisas na área da capoeira, incluindo-se aí pomposas dissertações e teses doutorais. Livro respaldado por elogiável currículo: Graduado em História, Pedagogia e Teologia. Mestrando em Educação pela UFSCar, campus Sorocaba. Professor de História na rede pública municipal de Porto Feliz (SP). Autor de mais de uma dezena de livros, dos quais se destacam: “Folclore em Sorocaba” (1999); “Salvadora!” (2001); “Scenas da Escravidão” (2006); “Vadios e Imorais” (2010); “O Mistério Revelado” (2011), “Memória Operária” (2009).

Vamos, pois, ao desafio de escrever sobre o que já foi magistralmente comentado pelo Mestre Pedro Cunha, prefaciador deste mesmo livro.

“Para variar”, mantenho meu espírito crítico, daí questionamentos básicos iniciais como: para que serve, afinal, tais pesquisas históricas, resgatar personagens, eventos, modismos locais?

Se o mico-leão dourado está em extinção e, um belo dia, não mais existirá, qual o problema?

No caso específico da Capoeiragem, cuja história já foi “clara e definitivamente” definida por algumas vestais-marqueteiras, para que servirá insistir em histórias capoeirísticas “desimportantes”?

Capoeira em Sorocaba, para quê?

A menos, é claro, o livro “confesse” que, sem luz própria, Sorocaba nada mais fez do que imitar e louvar os “verdadeiros e intocáveis heróis” da Capoeira no Brasil.

Não sem motivo, tais vestais estão indo à África e ao Oceano Índico para ensinar o padre a rezar a missa, para ensinar ao especialista em Moringue, quase certamente o avô da Capoeira, do Savate, do Chausson e várias “capoeiradas” de Cuba, Uruguai, Colômbia, a “verdadeira capoeira brasileira, tipo Luxo Importação” (a rigor, um primor de aburguesamento, *embranquecimento* e circo).

Como essa família afro-cultural é grande, indo muito além da pernada marcial, a contribuição generosa de africanos, que vieram como escravos para as Américas, mais do que uma força laboral, agora se sabe, presentearam seus algozes com elementos culturais extraordinários, como o Jazz, nos Estados Unidos e o Samba, no Brasil. Para ficar em apenas dois bons exemplos.

O livro de Cavalheiro não é para fanático, é para um capoeira realmente “livre como o vento”. Mais do que isto, é para o não capoeira também, pois trata-se de excelente e sempre oportuna lição sobre a grandeza cultural do Brasil e do mundo, através da rica História de Sorocaba (SP). Não deixando de ser, ao mesmo tempo, um livro de aventuras, de ousadias e maestrias, de perseguições a hipocrisias sociais, de confrontos políticos e politiqueiros.

Também aí Pedro Cunha foi muito feliz em seu Prefácio, ao lembrar que a garimpagem que Cavalheiro fez pode e deve ser entendida como mais uma trilha aberta para outros pesquisadores. Figuras como João Peão (ou João Domador), João Domador (ou João Crioulo, João Peão (ou João Domador), Benedicto Ferreira do Amaral (ou Sarongo, chefe da malta de capoeiras “Santa Rita”) e Benedicto Gostoso, para citar só alguns, e *suas respectivas circunstâncias*, como certamente lembraria Ortega y Gasset, merecem mais pesquisas e publicações. João Domador (ou João Crioulo) e seu “corpo fechado”, por exemplo, poderia ensejar paralelo com os pactos de encruzilhada feitos por capoeiras e, também, bluseiros (Jazz) do passado. Eventos emblemáticos como a Feira de Mures já mereceria um livro próprio. O apanhado sobre as Posturas Municipais, de Sorocaba e de vários outros municípios, é extremamente significativo, não fosse eu um municipalista convicto. A inclusão e as reflexões sobre sociedades, senão secretas, bem intrigantes – como a Associação secreta “A Grande Ordem”, da qual o ex-escravo José Cabinda, era Grão-mestre, é outro mote que vai estimular um bom número de novas pesquisas que, certamente, mergulharão ainda mais fundo:

“Em 1854 procedeu-se a prisão de José Cabinda, conhecido também por Pai Gavião, um ex-escravo que residia em Sorocaba e era Grão-Mestre de uma Associação secreta, composta de forros e escravizados, chamada de Grande Ordem, a qual, por sua vez, era composta de outros pequenos grupos conhecidos, à semelhança da Maçonaria, como “Lojas”. Eram três as Lojas que compunham a Grande Ordem: “Filhos das Trevas”, “Maçonaria Negra” e “Campo Encantado”. Essa associação, composta por negros escravizados e livres, tinha por objetivo realizar uma insurreição de escravos de São Roque, Itu, Una e Campo Largo (Sorocaba). Após “porfiada e perigosa luta”, foi preso o líder da insurreição, sendo interrogado no dia 24 pelo delegado de Itu, capitão Moraes. Sob a liderança de José Cabinda havia um enorme contingente de escravos prontos para uma insurreição. Testemunhas diziam de vários associados da loja “Filhos das Trevas”, em Sorocaba, bem como da existência de uma casa secreta, onde

estariam guardados os arsenais da insurreição, localizada na Serra de São Francisco. A repercussão desse episódio foi tão grande que o jornal Correio Paulistano publicou notícias do fato em várias de suas edições.” (CAVALHEIRO, 2013)

Haveria alguma relação ou, pelo menos, afinidades anacrônicas entre esta Sociedade e a Secret History of Freemasonry (The Hidden History of Capoeira, a Collision of Cultures In the ...)?

É oportuno lembrar ainda o culto religioso de João de Camargo também mencionado por Cavalheiro em seu trabalho.

Mais do que consagrar de vez um Espaço para Sorocaba no Mundo da Capoeira, Cavalheiro, talvez até de modo inconsciente, faz com que o seu livro, em princípio concentrado no período de 1850/1930, ajude a entender ainda mais o Brasil de todas épocas, inclusive, o Brasil de Hoje.

Dentro e fora do Mundo da Capoeiragem.

* *André Luiz Lacé Lopes*

Participou, como aluno, da histórica experiência acadêmica realizada pela Fundação Getúlio Vargas, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro (Ginásio/Colégio de Nova Friburgo!). Jornalista e Administrador (EBAP:FGV), com Mestrado em Administração Pública (1971) pela Universidade de Syracuse, New York, USA. Mais de quatrocentas crônicas e artigos publicados no Brasil e no exterior; sete livros publicados até agora, sendo quatro sobre Capoeiragem. Entre vários cargos e funções exercidos foi assessor e professor do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), Superintendente Administrativo do Clube de Regatas do Flamengo, Diretor da Oficina de Assuntos da Juventude, da Organização dos Estados Americanos (OEA, Washington, D.C.), diretor-presidente da Adplan Juvesporte, consultor da Fundação Roberto Marinho (Área Esportiva), Chefe de Gabinete da Secretaria Estadual de Esporte do Rio de Janeiro e professor de diversas universidades. Alguns prêmios na área da literatura. A trabalho, estudo ou diversão já visitou 28 países. Casado com a advogada Arly Lopes, pai de duas filhas, Dilcéa Maria, artista plástica e poeta, e Daniela, jornalista.

Site: <http://www.andrelace.com.br/>

